

CAMINHOGRAFIA E TERRITORIALIDADES ANCESTRAIS

Multiplicidade às margens do Canal São Gonçalo, Pelotas/RS, Brasil

WALKGRAPHY AND ANCESTRAL TERRITORIALITIES

Multiplicity along the Margins of the São Gonçalo Canal, Pelotas/RS, Brazil

**Eduardo Rocha¹, Tais Beltrame dos Santos²,
Luana Pavan Detoni³, Otávio Gigante Viana⁴,
Eduardo da Silva e Silva⁵ e Gabriela Droppa Trentin⁶**

Resumo

O artigo discute a caminhografia urbana como método sensível de leitura territorial a partir das margens do Canal São Gonçalo, em Pelotas/RS. Ao articular corpo, deslocamento e escuta, a caminhografia ativa camadas de memória, afeto e percepção que emergem dos modos de vida ribeirinhos e das práticas ancestrais do povo das águas. As caminhadas realizadas entre junho e julho de 2024 revelam territorialidades invisibilizadas pelas políticas urbanas e atualizam processos de violência colonial que historicamente marginalizaram arquiteturas tradicionais. Dialogando com autores como Krenak e Bispo dos Santos, o texto reconhece rios, igarapés e margens como territórios de existência e de saber, onde o manejo da água implica manejo da vida. Argumenta-se que a caminhografia opera como dispositivo de visibilização desses saberes, contribuindo para uma abordagem decolonial no campo da arquitetura e do urbanismo.

Palavras-chave: caminhografia urbana; caminhar; cartografar; transcriar; narrar.

Abstract

This article discusses urban walkgraphy as a sensitive method for territorial reading along the margins of the São Gonçalo Canal in Pelotas, southern Brazil. By articulating body, movement, and attentive listening, walkgraphy activates layers of memory, affect, and perception that emerge from the lifeways of riverside communities and from the ancestral practices of the “people of the waters.” The walks conducted between June and July 2024 reveal territorialities made invisible by urban policies and reiterate colonial

forms of violence that have historically marginalized traditional architectures. Drawing on authors such as Krenak and Bispo dos Santos, the text recognizes rivers, streams, and riverbanks as territories of existence and knowledge, where water management is inseparable from the management of life. The article argues that walkgraphy operates as a device for making these ancestral knowledges visible, contributing to a decolonial approach within the fields of architecture and urbanism.

Keywords: urban walkgraphy; walking; mapping; transcreating; narrating.

Introdução

A experiência de caminhografia urbana às margens do Canal São Gonçalo compõem o projeto de pesquisa “Caminhografias Urbanas nos Confins da América do Sul: criando pistas para políticas públicas com povos e comunidades tradicionais que habitam a margem das cidades de Marabá/BR, Pelotas/BR e Comodoro Rivadavia/AR”⁷. O projeto é delineado a partir do reconhecimento da importância da cultura dos povos e comunidades tradicionais que habitam diferentes *lôcus* na imensidão territorial da América do Sul – indígenas, quilombolas, extrativistas, ribeirinhos, caboclos e pescadores artesanais.

No caso específico das margens do Canal São Gonçalo, destacam-se os saberes ancestrais das populações ribeirinhas e pescadoras artesanais, cujas práticas cotidianas e modos de leitura da paisagem — transmitidos oralmente e vivenciados no corpo — constituem uma arquitetura e um urbanismo do gesto, da prática e da sobrevivência. Esses conhecimentos, muitas vezes invisibilizados pelas políticas urbanas e ambientais, informam formas de manejo da água, modos de habitar as margens e relações simbólicas com o território que antecedem e ultrapassam o urbanismo institucionalizado.

Nesse sentido, propomos os movimentos de caminhar e cartografar (Rocha; Santos, 2024) em meio aos territórios dos povos originários e sociedades tradicionais, que encontram nas margens das águas uma chance de sobrevivência e preservação de suas culturas. As três cidades selecionadas estão distantes dos grandes centros urbanos e carentes de ações efetivas de manutenção de sua pluralidade e potencialidades. São, portanto, campos de estudo propícios para a criação de pistas para políticas públicas culturais específicas para suas distintas realidades (Detoni; Rocha, 2021). Entretanto, além de buscar uma espécie de descolonização dos saberes do “centro”, das “grandes universidades” e das capitais (Martín-Barbero, 2014), esses confins revelam que o centro pode estar no interior, nos lugares distantes que abrigam saberes e práticas.

A pesquisa busca reconhecer e registrar os modos de existência das comunidades tradicionais que habitam as margens dos sistemas hídricos: lacustre em Pelotas, fluvial em Marabá e marítimo em Comodoro Rivadavia. Uma vez que, compreendemos a importância de pensar a cidade como lugar de comunhão sistêmica entre os diferentes agentes que integram – ambiente, cultura e sociedade. Nas cidades estudadas, as águas são, ao mesmo tempo, fronteiras e fundamentos, representando tanto uma possibilidade de renovação quanto uma garantia de sobrevivência.

Neste artigo, nos voltamos para o contexto de Pelotas, com foco nas margens do Canal São Gonçalo, para refletir sobre como a caminhografia urbana pode dar sentido à experiência com a cidade e ampliar as possibilidades de transcrição. No âmbito da caminhografia, a transcrição se manifesta como a tradução que ocorre

1 Doutor em Arquitetura. Docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: amigodudu@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5446-9515>

2 Mestra em Arquitetura e Urbanismo. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: tais.beltrame@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2529-6170>

3 Doutora em Planejamento Urbano e Regional. Docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: luanadetoni@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9681-0045>

4 Arquiteto e Urbanista. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: otaviogv@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7771-4551>

5 Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas. E-mail: duardsv@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0129-0666>

6 Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas. E-mail: gd.trentin@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5743-3255>

7 Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/confins/>



no entrelaçamento de formas e forças que nos atravessam e cativam. Além disso, diz respeito ao movimento criador que surge do instante analítico e da necessidade de materializar a investigação em uma forma textual (Schwartz, 2024).

A cidade de Pelotas, com 325.685 habitantes (IBGE, 2023), é reconhecida como um polo da região sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. É a única cidade situada às margens do Canal São Gonçalo, que também atravessa os municípios de Rio Grande, Capão do Leão e Arroio Grande. O canal integra a Bacia Hidrográfica da Lagoa Mirim e configura-se como uma importante hidrovia internacional, pois conecta a Lagoa Mirim, na fronteira com o Uruguai, à Laguna dos Patos, que, por sua vez, deságua no mar nas proximidades do Porto de Rio Grande (Figueiredo et al., 2023).

Essa margem é um espaço de complexas interações entre natureza e cidade, onde camadas históricas, sociais e ambientais se sobrepõem. Registra-se a forte presença da comunidade negra desde o século XIX, decorrente da escravização para atividade econômica de produção do charque. Esse processo gerou vários impactos no contexto urbano da cidade ao longo das décadas, sem que houvesse qualquer ação pública de reparação por um dos regimes escravocratas mais cruéis do país (Gutierrez, 2004).

Como lembram Krenak (2020) e Nego Bispo (2023), os rios, igarapés e margens constituem territórios de existência e de saber, onde o manejo da água é também manejo da vida.

Do ponto de vista urbano, às margens do Canal São Gonçalo revelam as tensões e contradições do modo de crescimento da cidade de Pelotas e sua histórica ocupação das áreas ribeirinhas. Com o passar do tempo, a cidade foi constituída de costas para as águas, negligenciando sua relação com o canal. Ambientalmente, essa margem é caracterizada por áreas de charcos e banhados, que estão sujeitas a inundações e alagamentos – fenômenos intensificados pelos eventos climáticos extremos.

A partir deste contexto, foi realizado um curso de curta duração sobre caminhografia urbana, reforçando a indissociabilidade entre as atividades de ensino e extensão, especialmente na perspectiva teórico-metodológica da pesquisa. Essa oficina realizada às margens do Canal São Gonçalo pode ser descrita em dois momentos principais: o primeiro, marcado pelo ato de caminhar e cartografar, potencializado pelas ações de registrar, jogar e criar; e o segundo, pela proposta de conversa-exposição, na qual a narrativa se revelou como um modo de transcrição.

Caminhografia Urbana

O termo “caminhografia” foi introduzido por Eduardo Rocha e Valentina Machado durante as transurbânicas com Francesco Careri, realizadas na cidade de Roma em 2019 (Rocha; Santos, 2024). Entretanto, a caminhografia vem sendo experimentada, na última década, em diversas atividades do Grupo de Pesquisa Cidade + Contemporaneidade⁸, do Laboratório de Urbanismo, situado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

Baseando-se na articulação entre o ato de caminhar, entendido como prática estética conforme Careri (2014), e o método da cartografia, apropriado a partir do princípio do conceito de rizoma (Deleuze; Guattari, 1995), o “Verbolário da Caminhografia Urbana” apresenta as principais referências e influências dessa perspectiva teórico-metodológica:

Caminhografar é deixar-se atravessar pelos acontecimentos e situações ordinárias que extrapolam o planejamento e o esperado, deformando e descentralizando os debates sobre os muitos imbricamentos que modificam o espaço social, pronunciando uma narrativa próxima da complexidade, onde as diferentes vidas e modos de viver possam ser percebidos, mapeados e comunicados (Rocha; Santos, 2024, p. 79).

Os organizadores do “Verbolário” apresentam dez pistas provisórias como dispositivos flexíveis e adaptáveis para a prática da caminhografia urbana. Essas pistas funcionam como um método dinâmico de exploração da cidade, enfatizando a experiência sensível e a produção da subjetividade. A primeira pista consiste em caminhar, andar a pé, tocar o solo, pois é preciso estar em campo para dar vazão às demais pistas: atentar, experimentar, encontrar, registrar, corporifica, serelentar, cartografar, jogar e transcriar. Além disso, são sugeridos procedimentos que antecedem, permeiam e reverberam a prática.

Com base nessa abordagem, foi proposto o curso de curta duração “Caminhografia Urbana às margens do Canal São Gonçalo”, realizado nos dias 22 e 23 de fevereiro de 2024. O material de divulgação (Figura 1) revela os procedimentos realizados antes de caminhografar, como o plano de rota intencional, que, embora foque em experimentar questões específicas, também procura estar aberto para caminhos inesperados diante dos impulsos vividos durante a caminhada.

Caminhar pelas margens do Canal São Gonçalo é um percurso irregular e pouco previsível. Alguns trechos ainda mantêm suas características alagadiças, tornando-se intransitáveis, enquanto grande parte da margem tem o acesso restrito. A privatização por residências de alto padrão e indústrias, o controle exercido pelo Porto, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e outros usos limitam a circulação. Assim, a visibilidade do canal a partir da cidade nem sempre é imediata, exigindo permissão para acesso ou, pelo menos, a disposição de atravessar áreas de várzea ainda não ocupadas (Figura 2).

Ainda como parte da atividade preparatória, planejamos um dia para caminhar e outro para expor. No dia da caminhada, a previsão era nos reunirmos pela manhã no Centro de Artes da UFPel e chegarmos ao Passo dos Negros no final da tarde. Além disso,

⁸ Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/cmaisc>



selecionamos três ações estruturantes – registrar, jogar e criar –, com o objetivo de observar, interagir e refletir ao longo do percurso.

Na caminhografia urbana, registrar, jogar e criar coexistem. Enquanto capturamos a cidade em imagens e experiências, nos envolvemos em um jogo de interações, desafiando e sendo desafiados pelo ambiente. Essa dinâmica estimula a criação, permitindo-nos reinterpretar e reimaginar constantemente a paisagem urbana e a nós mesmas. Assim, esses elementos se entrelaçam, formando uma experiência complexa na vida da cidade (Rocha; Santos, 2023, p. 272).

No dia seguinte, propomos uma conversa-exposição na Ocupação Coletiva de Arteirxs (O.C.A.) da UFPel, localizada na região portuária de Pelotas e próxima à nossa rota intencional. Esse momento, realizado após a caminhada, foi dedicado a fomentar o processo de transcrição da caminhografia, um procedimento de análise da experiência à margem que se deu por meio da narração. Durante essa etapa, os participantes puderam compartilhar os acontecimentos vivenciados, discutir as intervenções realizadas e refletir sobre as múltiplas perspectivas do percurso explorado.

Ao narrar coletivamente a experiência, emergem camadas de memória associadas às práticas ribeirinhas, transmitidas de forma oral entre gerações. Essas memórias — do cheiro da água, das técnicas de pesca, do manejo sazonal das margens — constituem formas ancestrais de ler e habitar o território, frequentemente excluídas das políticas urbanas. A caminhografia, ao ativar corpo, escuta e presença, aproxima-se desses modos tradicionais de produzir conhecimento sobre a paisagem.

O reencontro possibilita aos participantes a construção de narrativa da experiência como um todo, para além das linguagens experimentadas nos exercícios propostos para realização das três ações estruturantes. Byung-Chul Han (2023) aponta que a memória humana, diferente da construção de um banco de dados que é aditiva e acumulativa, elege e conecta acontecimentos, compondo redes de relações e se constituindo como prática narrativa. Bispo dos Santos (2023) afirma que, na cidade, só tem valor a história quando se tornar mercadoria, escrita por profissionais, contrastando com a sua experiência no quilombo, onde a contação de histórias, feita oralmente em torno da fogueira, servia para fortalecer laços comunitários. “Narrar exige ócio” (HAN, 2023, p. 70). Assim, a caminhografia exige a disponibilidade de tempo para se dedicar à experiência de percorrer o espaço, assim como à pausa, ao descanso e ao retorno para reflexão. No reencontro, a experiência é apresentada como uma construção narrativa coletiva através dos diversos relatos dos participantes.

A Caminhada pelo Canal São Gonçalo

Aproximadamente 60 caminhógrafos participaram da oficina, composta principalmente por estudantes, professores e pesquisadores universitários, provenientes de diferentes áreas, como arquitetura, artes, antropologia, pedagogia, geografia, educação física e sociologia.

O dia teve início com uma conversa que reuniu o grupo no pátio entre o Centro de Artes e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Figura 3).

Nessa conversa inicial, foram apresentadas três questões importantes para a metodologia: primeiro, a caminhografia é uma prática que ocorre fora da estrutura da universidade, indo da institucionalização para a rua e para o não institucionalizado; segundo, a caminhografia busca enfrentar a imprevisibilidade da rua e da vida, exigindo análise e constante readaptação de planos e intenções; e, por último, a caminhografia é uma prática de liberdade, ou seja, somos livres para fazer (ou não fazer) o que quisermos.

A prática da caminhografia inclui seu planejamento. “O planejar na caminhografia, consciente de suas possíveis falhas, acolhe os imprevistos e acasos que potencializam a caminhada e a cartografia” (Detoni, 2023, p. 257). Mesmo que compartilhada, toda caminhografia emerge de ato e de um planejamento solitário, sempre sujeito a desvios e ajustes. Assim, junto ao chapéu, alguns participantes levaram seus guarda-chuvas. A disposição dos caminhógrafos com a agenda da atividade é o que a torna possível. Serelentar torna-se necessário para criar uma experiência coletiva de caminhar e cartografar, um compromisso “com o meio complexo e com o habitar da paisagem” (Santos, 2024, p. 287), provocando a lentidão como cumplicidade e territorializando o corpo e todos os seus sentidos. Com isso, partimos para as ruas para registrar, jogar e criar.

O ato de caminhar como método também se aproxima de técnicas ancestrais de deslocamento, observação e leitura do território, em que o corpo funciona como instrumento sensível de orientação e interpretação ambiental — uma epistemologia encarnada presente em comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas.

Uma garoa fina caía naquela manhã, e algumas sugestões tencionaram o plano inicial da oficina. No entanto, a maioria dos caminhógrafos optou por continuar com a atividade “faça chuva ou faça sol”, estando aberta à possibilidade de reorientação do trajeto.

A caminhada começou pelo acesso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, seguindo até a margem do canal em linha reta pela Rua Alberto Rosa, cruzando a remanescente de uma linha ferroviária abandonada, até o Quadrado (doca construída



em concreto, acessada pela Rua Alberto Rosa). Ali, o grupo fez a primeira parada onde foi enunciado o exercício de registro em vídeo por um membro do Grupo de Pesquisa Cidade + Contemporaneidade.

Foi sugerido primeiro um momento de respiração e percepção das roupas e mochilas sobre o corpo, dos elementos construídos na paisagem natural ao nosso redor. Em seguida, cada participante foi provocado a produzir um documento audiovisual de 15 (quinze) segundos a 1 (um) minuto, capturado ao longo do percurso, para ser disponibilizado em uma pasta compartilhada com os participantes da atividade. O vídeo deveria estar vinculado a uma pergunta, cuja imagem-movimento produzida poderia ilustrar ou responder.

Para Deleuze (2018), o plano audiovisual define uma imagem-movimento, um recorte de duração delimitado pelo quadro que expressa a translação das partes de um conjunto. Dubois (2004) sugere que o vídeo seja abordado não como uma imagem, mas também como um dispositivo e uma forma que pensa a imagem, um processo que carrega a impressão de um sujeito e de uma ação no tempo.

O exercício produziu um acervo de 39 (trinta e nove) indagações e recortes de duração da experiência, registradas a partir de olhares distintos (Figura 4).

O bando formado pelo coletivo de caminhógrafos da oficina retornou pelo tecido viário e seguiu para oeste da Rua Alberto Rosa até uma casa de bombas sobre o dique de contenção do Canal São Gonçalo, acessado pela Rua do Pântano, que acompanha a margem do *braço morto* do Arroio Santa Bárbara, desviado na década de 1950, e sob a ponte que permite atravessar o limite municipal entre Pelotas e Rio Grande, definido pelo canal.

Com perguntas formuladas e trechos capturados, fomos convidados a mirar através de outro ponto de vista. O cartão de “vista mirante” foi apresentado pelo Grupo de Pesquisa “DESLOCC”⁹ como um dispositivo de jogo, ao retornarmos para a universidade. Com um gesto semelhante ao do registro em vídeo, o cartão exige uma mirada com 1 (um) olho como órgão singular, emoldurando a paisagem e questionando o que se vê quando se dedica um instante ao olhar. “O que vejo quando miro a paisagem pelo foco?” Olhar, demorar, listar e fotografar (Figura 5). Assim, a prática permitiu um olhar singular.

Na caminhografia urbana, a ação de jogar provoca o engajamento com a complexidade do espaço percorrido por meio de atividades lúdicas, refletindo as formas de interação

entre os usuários e a cidade, enraizando-os na dinâmica urbana e na construção de identidades (Rocha; Santos, 2024). As listas de visadas, assim como os vídeos, registram para a caminhógrafa uma atenção específica do momento, da sensação da e dos estímulos percebidos no espaço pela própria experiência. Essas listas sugerem caminhos para as narrativas apresentadas no encontro do dia seguinte.

De volta ao saguão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, foi sugerida uma pausa para almoço, com o reencontro marcado para duas horas mais tarde, sob a figueira à margem do canal, no Campus Anglo, na Rua Gomes Carneiro, número 1.

Após o almoço e uma breve caminhada individual, conversamos sob a sombra e enquanto nos preparávamos para seguir em direção à ocupação Passo dos Negros, nas proximidades do Condomínio de Luxo Lagos de São Gonçalo, passando por uma comunidade de pescadores. Nesse momento, foi proposta uma ação pelo Grupo de Pesquisa “Lugares-livro”¹⁰. O caderno entregue a cada participante com formato estreito e extenso, cujas páginas eram formadas por dobras na tira de papel em branco, sugere um formato paisagem onde a extensão horizontal se alonga a cada página virada. A provocação do exercício era sensibilizar estas páginas por impressões coletadas ao longo do percurso. “De que maneiras o papel é sensibilizado? Que tipos de impressão podem ser registradas no papel? O que o papel pede para registrar?”

O exercício permitiu uma outra atitude em campo, caracterizada por uma atenção mais flutuante. O livro-paisagem seria composto pela reunião dos cadernos no reencontro do dia seguinte durante a conversa-exposição. Desenhos, listas e poemas foram expressos nas páginas brancas, assim como elementos coletados, colados ou costurados no papel, trazendo outras texturas e camadas para as páginas da obra composta pelo grupo. Diferentes formas de anotação, organização e diagramação das páginas criadas individualmente expressaram a multiplicidade de formas e tempos de apreensão da experiência por cada caminhógrafo (Figura 6).

As três ações – registrar, jogar e criar – se entrelaçaram ao longo do percurso, em uma esteira do pensamento que acompanhou o deslocamento pelas margens do canal. Embora, tenham sido apresentadas em momentos distintos e em paisagens diferentes, como três movimentos separados, como práticas sensíveis, elas ocorreram quando algum afecto pediu passagem, merecendo ser capturado, listado, fotografado, inscrito e, assim, narrado.

⁹ Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/deslocc>

¹⁰ Ver mais em: <https://wp.ufpel.edu.br/lugareslivro>



A Conversa-Exposição

À margem do Canal São Gonçalo, destacava-se a caracterização do ambiente e a interação dos caminhógrafos com os lugares, as pessoas, os objetos, entre outros elementos. No segundo dia, nos reunimos para expor e conversar sobre o que foi produzido durante a caminhada, além de montar o livro-paisagem, como um grande mapa da caminhografia urbana (Figura 7). Esse mapa, aberto e rizomático, se estruturou a partir das ações e se agenciou às múltiplas perspectivas, compreensões e experiências dos participantes que haviam caminhado entre o Canal e a cidade.

A composição do mapa foi permeada pelas narrativas sobre as experiências sensoriais e reflexivas de cada caminhógrafo, que capturou o ambiente por meio das ações de registrar, jogar e criar. Inicialmente sem grandes expectativas, muitos se deixaram guiar pelas águas, como um imã, atraídos pelos sons, sombras e estruturas do caminho, sobrepondo imagens e sensações. Com ou sem câmera, entre outros dispositivos, foi possível capturar fragmentos da paisagem e das histórias que a margem abriga. No entanto, foi a ação de narrar que revelou o potencial de transcrição, questionado na proposição desta oficina de caminhografia.

As narrativas dos caminhógrafos influenciaram a compreensão e cocriação da margem do Canal São Gonçalo. A partir de um processo de imersão na paisagem e nas suas memórias, destacou-se a dualidade entre movimento e pausa na oficina de caminhografia, quando uma caminhógrafa mencionou que seus registros visuais foram feitos nos momentos de parada ao longo do percurso. Atenta à relação entre os corpos e a paisagem, ela percebe como eles se integram ao espaço. A caminhada trouxe reflexões sobre a invisibilização da história e sobre os obstáculos, tanto físicos quanto simbólicos, que impedem a conexão da cidade com a água. Observando as barreiras urbanas e comportamentais que limitam a ocupação dos espaços, ela ampliou seu olhar sobre a relação entre natureza, urbanização e a própria presença humana no ambiente.

Uma estudante de Arquitetura e Urbanismo relatou que sua percepção se aprofundou ao ouvir um morador resistente à desapropriação. Esse encontro foi um marco para sua experiência, trazendo à tona questões de identidade, pertencimento e luta social. Nesse contexto, um caminhógrafo historiador refletiu sobre o conceito de patrimônio e as diferentes formas de olhar o mundo. Ele abordou a violência invisível nas remoções e demolições, observando como as comunidades são negligenciadas, como as casas derrubadas representam sonhos e histórias perdidas, e como isso reflete uma destruição cultural e emocional.



Essas remoções atualizam práticas de violência colonial que historicamente condenaram as arquiteturas ribeirinhas, quilombolas e indígenas como formas “inferiores” de habitar, deslocando saberes tradicionais de manejo das águas e de construção adaptada às margens.

Essa experiência levou os participantes a questionar a ideia de patrimônio, destacando que, muitas vezes, o que é descartado, como o lixo e a destruição, também faz parte de uma memória que precisa ser reconhecida. A exclusão social e a falta de respeito pelas comunidades periféricas refletem um processo de violência invisível e sistêmica em todo o país.

Para um dos caminhógrafos, a experiência ampliou sua visão sobre Pelotas, indo além da imagem tradicional da cidade e proporcionando um reencontro sensorial e emocional com suas origens. Vindo de Belém do Pará e atualmente doutorando na UFPel, ele se conectou profundamente com o ambiente percorrido, especialmente através do cheiro da maresia, do peixe e “da *nhaca*”, que evocam memórias de sua origem, junto ao “povo das águas”. Alternando entre momentos de solitude e interação com colegas, ele percebeu a familiaridade dos elementos naturais, questionando as noções de pertencimento, universalidade e localidade.

Outra caminhógrafa, professora de Educação Física no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRSul), destacou como a oficina de caminhografia ressoou com sua prática pedagógica. Costumando trabalhar com trilhas como estratégia para valorizar a relação entre a educação física e a educação estética ambiental, ela percebeu a necessidade de expandir seus percursos para além dos locais habituais. Além disso, a caminhada às margens do canal teve um impacto profundo em sua vida pessoal, reforçando sua missão de formar um filho consciente e sensível às realidades ao seu redor. O movimento – tanto físico quanto simbólico – permeou sua experiência, levando-a a registrar suas percepções e reflexões sobre o impacto humano no espaço urbano e ambiental.

Ao refletir sobre nosso papel na sociedade, o encontro de construção coletiva da narrativa e análise do caminhar se torna um momento sensível, é comum emocionar-se, justamente porque a caminhografia mobiliza o corpo e as muitas camadas de existência que habitamos em comunhão. Ao expor os registros, listas, cartões mirantes e livros-paisagem, cada caminhógrafo compartilhou suas pulsões e visões, bem como suas inquietações e projetos.

Foram citadas relações do estar à margem, entre a água e a terra, beirando a cidade formal e informal, evocando questões sobre a natureza e pertencimento. A intensidade da prática reside em sua forma coletiva e no agenciamento de múltiplas perspectivas, demonstrando sua grande importância para transcriamos a cidade que habitamos.

Considerações sobre uma Trama de Multiplicidades

A oficina de caminhografia urbana realizada às margens do Canal São Gonçalo proporcionou um aprofundamento na relação entre as práticas sensíveis de caminhar e o ambiente urbano, revelando a complexidade das interações entre a cidade, seus habitantes e os espaços marginais. Caminhamos e cartografamos em meio a um cenário de paisagens verdes e bordas molhadas, entre a cidade formal e a cidade informal, beirando a margem do canal, em busca de refletir sobre e com o “povo das águas” e seus territórios

A experiência, ao longo desses dois dias, evidenciou o potencial transformador da caminhografia ao integrar práticas de registro, jogo e criação, não apenas como metodologias de pesquisa, mas como formas de transcrição e expressão coletiva. Ao percorrer os limites físicos e simbólicos da cidade, os caminhógrafos puderam resgatar histórias invisíveis e refletir sobre a marginalização do “povo das águas” e dos seus territórios, propondo um olhar atento para as relações de poder e pertencimento.

A transcrição que emergiu desse processo foi mais do que um exercício acadêmico; foi uma ação de sensibilização e de reconstrução de sentidos a partir da experiência direta com o espaço urbano. As narrativas coletivas, formadas a partir das vivências e dos registros individuais, afirmam a caminhografia como uma metodologia de investigar as cidades, não como uma paisagem estática, mas como um organismo vivo e multifacetado. Em consonância com o conceito de rizoma, essa abordagem propõe um mapeamento dinâmico da cidade, desconstruindo visões centradas e ampliando a compreensão sobre o espaço, ao valorizar saberes locais e práticas culturais diversas. A construção de narrativas, no contexto da oficina, não ocorreu de forma linear, mas como uma trama de multiplicidades em constante (re)configuração. Como um tecido composto por diferentes fios – vozes, temporalidades, espacialidades e afetos – a experiência da caminhografia propõe um olhar rizomático, onde cada ponto de enunciação se conecta a outros, expandindo possibilidades interpretativas. A multiplicidade, não se refere apenas à coexistência de diferentes elementos, mas à potência da inter-relação entre eles.

A caminhografia permite reconhecer que, para o povo das águas, as margens não são apenas limites físicos, mas espaços cosmológicos de existência — lugares de relação com os ciclos da natureza, com entidades das águas e com modos de vida que articulam espiritualidade, técnica e território. Essa perspectiva oferece alternativas críticas aos paradigmas urbanos ocidentais que fragmentam corpo, ambiente e cultura.

Por fim, esse emaranhado de trajetórias e percepções se reflete na prática da caminhada como método de investigação, que se alimenta da sobreposição de registros – audiovisuais, textuais, sonoros, cartográficos. O ato de caminhar inscreve-se no território, ao mesmo tempo em que se deixa transformar por ele, compondo uma cartografia aberta à multiplicidade de leituras e ressignificações. Pensar essa trama de multiplicidades é reconhecer a fluidez das experiências urbanas e a necessidade de abordagens que acolham a complexidade dos territórios e das narrativas que deles emergem. A caminhografia, assim, se revela não apenas como um dispositivo metodológico, mas como uma postura epistemológica, sensível às conexões, às camadas e aos desdobramentos do caminhar como prática investigativa e poética.

Ao nos aproximarmos das margens do Canal São Gonçalo por meio da caminhografia, reconhecemos que esses espaços abrigam saberes ancestrais ribeirinhos e pescadores, inscritos em práticas cotidianas, narrativas orais, técnicas de manejo das águas e formas de resistência territorial. Esses conhecimentos, pertencentes a povos tradicionais, tensionam os modelos urbanos hegemônicos ao propor outras maneiras de habitar, cuidar e significar a paisagem. A caminhografia, nesse sentido, não apenas documenta a experiência urbana, mas atua como dispositivo de escuta e visibilização desses saberes, contribuindo para uma abordagem decolonial no campo da arquitetura e do urbanismo.

Referências

- BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: A imagem-movimento*. Tradução: Stella Senra. São Paulo: Editora 34, 2018. 134 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DETONI, Luana Pavan; ROCHA, Eduardo. O fio de Ariadne. Uma experiência cartográfica das cidades pequenas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 22, n. 258.02, Vitruvius, nov. 2021. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.258/8316>. Acesso em: 15 mar. 2025.
- DETONI, Luana Pavan. Planejar. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame (org.). *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024, p. 256-257.
- DUBOIS, Philippe. *Cinema, vídeo, Godard*. Tradução: Mateus Araújo Silva. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- FIGUEIREDO, Bethânia Machado; ALVES, Johny Barreto; MILANI Idel Cristiana Bigliardi. Caracterização Ambiental do Canal São Gonçalo - RS. In: GONÇALVES, Clecia Simone; PACHECO, Rosa; SANTOS, Reinaldo Pacheco; GAVILANEZ, María de Lourdes (Org.). *Direito, Meio Ambiente e Ecologia Humana: contribuições para a sustentabilidade socioambiental* Vol. 1. Guarujá-SP: Científica Digital, 2023, p. 92-105.
- GUTIERREZ Ester Judite Bendjouya. *Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)*. Pelotas: UFPelotas, 2004.
- HAN, Byung-Chul. *A crise da narração*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- IBGE. *Censo demográfico de 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame. Caminhografar. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame (org.). *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024, p. 78-79.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos Santos. Emocionar. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos Santos. *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024. p. 148-149.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame. Jogar. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame (org.). *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024, p. 213-215.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame. Registrar. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame (org.). *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024, p. 269-270.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame (org.). *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024.

SANTOS, Taís Beltrame dos Santos. Serelentar. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos Santos. *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024. p. 287-288.

SCHWANTZ, Josimara Wikboldt. Transcriar. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame (org.). *Verbolário da Caminhografia Urbana*. Pelotas: Editora Caseira, 2024, p. 300-301.